



o espaço do tempo
convento da saudação | Montemor-o-Novo

CONSTANTIN GAVRILOVITCH ACABA DE SE MATAR

CARLOS MARQUES | PROJECTO RUÍNAS

Teatro - Portugal

Convento da Saudação

01 ABR 2013 a 12 ABR 2013



Sobre o texto

Por Rui Pina Coelho

Constantin Gavrilovich acaba de se matar, constitui com *Baquet ou a Narrativa fidedigna do terrível incêndio ocorrido no Teatro Baquet* (Trimagisto, 2012), um díptico sobre a falência do teatro. Em *Baquet* recuperávamos o relato jornalístico de Jaime Filinto sobre o incêndio ocorrido no Teatro Baquet, no Porto, em 1888 - um dos acontecimentos mais traumáticos da vida teatral do final do século XIX, onde terão perdido a vida cerca de duzentos espectadores. Associávamos - não sem algum despudor - esse terrível incêndio ao incêndio sistémico que faz arder todas as condições de trabalho para os criadores teatrais em Portugal. Esse incêndio era, na nossa perigosa metáfora, o incêndio que fazia arder o nosso teatro e o deixava em ruínas. Mas era, também, simultaneamente, a chama que fazia com que o nosso teatro não se extinguísse. "Estamos aqui", repetia-se insistentemente - ainda que com falta de ar. Tínhamos, portanto, um teatro a arder; um teatro morto que, apesar de tudo, sobrevivia.

Constantin Gavrilovitch acaba de se matar - um texto alheado, elíptico, esburacado - parte da última frase de *A gaivota*, de Anton Tchekov. Treplev, o criador das formas novas, o artista verdadeiro, o permanentemente insatisfeito, o novo, acaba de se matar. Dorn, sussurando a Trigorin, para que Arkadina não oiça, diz: "leve daqui para fora a Irina Nikolaevna... O Konstantin Gavrilovich matou-se com um tiro". E começamos precisamente daqui. Logo no início avisamos, sussurando, para que ninguém se assuste: o teatro acabou de se matar. Portanto, em *Constantin...*, o mundo que apresentamos é o mundo após a morte do criador, da arte. Um mundo sem o poder reconciliador da arte. Um mundo sem teatro. Um mundo de merda, portanto. Aquilo que se segue à morte de Treplev é um mundo fragmentado, estilhaçado - um conjunto de ruínas - uma cidade abandonada, vazia, em cacos (não consigo deixar de pensar em Dresden depois da segunda guerra mundial, cidade onde escrevi boa parte do texto).



Constantin Gavrilovich acaba de se matar é constituído por "nanopeças" ou micro-narrativas (se tivéssemos graça, podíamos ter-lhe chamado *ipeças*, textos para teatro que se podem ler no telemóvel). São textos de formato ultra-reduzido. Chamámo-lhe "nanopeças": peças muito pequeninas que se podem montar todas juntas ou isoladamente. Como peças de lego - que podem compor muitos objectos diferentes. Podem ser encaradas isoladamente, como *haikais* - mas, tal como as dispomos aqui, constituem uma constelação volátil de textos. Uma constelação sobre um mundo sem esperança. Onde os bancários choram sem saber porquê. Onde se carrega contra a polícia sabendo que se morrerá. Onde se vive agarrado à raiva. Onde os cabelos vermelhos de uma rapariga linda nunca serão nossos. Onde a vida não parece ter um propósito. Um mundo de merda, portanto.

Estas nanopeças são textos para teatro que são para ser lidos em cena. A relação que pedem ao espectador de teatro é a da leitura - não a da escuta. São textos para teatro que não são pensados para ser ditos por actores - mas antes lidos pelo espectador, desobrigando à sincronia e à acção e atirando o espectador para o recolhimento da leitura, para a introspecção, para a encenação virtual. Atirando o espectador para o recolhimento de um velório. Um velório ao teatro.

Claro que esta atitude fúnebre tem mais de provocação do que de diagnóstico. Queremos mais inspirar à acção do que descrever a nossa inacção. Se declaramos a morte do teatro é porque somos um bocado dramáticos e temos tendência a exagerar. Tal como insistíamos no Baquet, "estamos aqui". Ainda aqui estamos. O que queremos é, tal como Tchekov, que olhemos para a maneira como vivemos e que a possamos mudar. Vai, portanto, correr tudo bem.



Encenação Carlos Marques

A partir de texto de Rui Pina Coelho

Interpretação Catarina Caetano, João de Brito, Inês Pereira e Paulo Quedas

Composição Musical e Sonoplastia Carlos Marques e João M. Bastos

Vídeo Paulo Quedas

Luz e Cenário Nuno Borda De Água

Operação Técnica António Costa

Grafismo Miguel Rocha

Audiovisual Rui Cacilhas

Produção Sandra Carneiro

Uma produção

Estrutura financiada por



Com o apoio

